

**Nair Lacerda**

Colaboradora

Há muito tempo, ouvi alguém dizer que a Moral era uma questão de latitude. Assim, o que seria imoral aqui, nada teria de imoral acolá. Tudo dependeria dos hábitos, dos costumes e das tradições dos povos, dos diversos grupos humanos. Contudo, pelo que se pode concluir do espetáculo que o mundo inteiro está dando em questões de Moral e Ética, as diferentes opiniões e conceitos a respeito delas não eram uma questão de latitude e sim de dificuldade de comunicação. Porque depois que o engenho humano descobriu tantas e tão eficazes maneiras de “encolher o mundo”, pondo toda a gente em contato com toda a gente, eis que a Moral e Ética fizeram-se coisas de pouca ou de ne-

nhuma importância e vêm caindo rapidamente em desuso por toda a parte, levando povos nascidos das mais variadas raças e tradições a idênticos hábitos e costumes. Frutos do impacto dos exemplos e sugestões recebidos através dos chamados veículos de comunicação.

Vejamos, por exemplo, apenas uma das coisas que até bem pouco tempo era considerada das mais imorais: o adultério, a chamada “violação da fé conjugal”. Embora o castigo que daí advinha se dirigisse, principalmente, às mulheres — os homens sempre foram solidários na defesa dos seus “deslizes conjugais” —, povos houve que não faziam distinção entre homem e a mulher culpados e davam a ambos punição das mais estranhas. Não sei se efica-

zes, porque se houve erro que atravessasse milênios, apesar delas, foi aquele. Hoje, já nem é pecado, nem erro, nem deslealdade. É uma coisa até “natural”, porque hoje tudo é “natural”, somos todos pelo “natural”, nos alimentos, nos vestuários, ou antes na falta deles e nos sentimentos.

Nos velhos tempos, a começar pelo que registram os evangelhos (Marcos, IX:32 e João, VIII:3-11), o adultério era imoral, era pecado e devia ser exemplarmente punido. Por isso, na velha Atenas havia permissão para maltratar em público a mulher faltosa. No Egito cortavam-lhe o nariz, mas tanto ela como o cúmplice eram açoitados. Os antigos saxões queimavam vivas as adúlteras e enforcavam o cúmplice. Na Roma primitiva, a justiça ficava ao

arbítrio do marido e, quase sempre, era a morte. Os imperadores, entretanto, estabeleceram a pena do desterro. Antonino, por exemplo, determinou que antes de se admitir a acusação de adultério feita pelo marido, fosse seriamente examinada a conduta dele, cas-

## Questão de latitude?

---

**Moral e ética  
fizeram-se  
coisas de pouca  
ou nenhuma  
importância**

---

tigando-o severemente se falhas houvesse na observância dos seus deveres. Constantino lançou a pena de morte contra a adúltera e

seu cúmplice. Justiniano mandava açoitar a mulher em praça pública e depois enclausurava-a em um convento. Na Turquia usava-se a lapidação para a mulher, mas na Espanha o cúmplice sofria castração. Os descendentes de Hugo-Capeto castigavam a mulher ordenando que corresse, inteiramente nua, pela cidade — que sucesso teria o legislador de nossos dias que propusesse isso, omitindo qualquer castigo por qualquer infração! — Mas havia cidades que não eram tão benevolentes. Untavam todo o corpo da mulher com mel e faziam-na rolar sobre um monte de penas. E era nesse estado que ela devia percorrer as ruas.

Bem, tudo isso em tempos remotíssimos. Hoje, em nossos

tempos “moderníssimos”, há quem faça do adultério apenas um pecadilho, ou, mesmo, uma diversão, ao que dizem, alegremente partilhada por maridos e mulheres chamados “liberados”. Tudo isso é relatado em revistas amplamente ilustradas, insinuado nos palcos e nas telas, tudo salpicado com o jargão da época, em outro tempo denominado, sem elegância alguma, palavrão.

E é assim, “habitando” as pessoas a fatos, palavras, e imagens que escarnecem da pobre e aviltada Moral, da tola e ignorada Ética, que todo o terreno da decência humana, não só no sexual como em todos os demais, vai sendo solapado, para a vitória do cinismo, da permissividade, do mais desbragado materialismo, do mais desenfreado culto do prazer e da fortuna como norma de vida.

(29/01/1996)